



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

CENTRO DE HUMANIDADES

LETRAS ESPANHOL

Disciplina: Teoria da Literatura II

Professora Doutora Mariana Ruggieri

Aluno: Boaventura Joaquim Furtado Bonfim

ENSAIO ACADÊMICO SOBRE O CONTO “O ESPELHO”

MACHADO DE ASSIS

Trabalho individual

Fortaleza, julho de 2023

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
1.1.	ETIMOLOGIA DA PALAVRA ENSAIO	3
2	ENSAIO SOBRE O CONTO “O ESPELHO” MACHADO DE ASSIS.....	4 e 5
3	CONCLUSÃO	6
	BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS.....	7

1 INTRODUÇÃO

Confesso ter ficado meio perdido ao receber o grande desafio de fazer um Ensaio Acadêmico.

Primeiramente, porque nunca havia escrito nada dessa espécie.

Segundamente, dada a exiguidade do tempo (por estar cursando três disciplinas neste semestre) e devido ao meu salutar perfeccionismo, torna-se quase impossível proceder a uma leitura percuciente sobre o tema.

Apesar disso, plasmarei, com o entusiasmo que habita minh'alma, um Ensaio sobre o festejado Conto "O Espelho", de autoria do grande brasileiro, o imortal Machado de Assis, um dos principais fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Em conclusão, elaborarei síntese dos aspectos mais significativos atinentes ao tema, observando-se os caminhos necessários à consecução de um Ensaio, à luz das contribuições dos textos lidos e debatidos em sala de aula.

Por fim, apresentarei a bibliografia e as referências.

1.1. ETIMOLOGIA DA PALAVRA ENSAIO

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua portuguesa a palavra ensaio deriva do latim tardio *exagium*, *ii* 'ato de pesar', por extensão, 'ponderar, avaliar'; já apresentando também o significado de 'prova'. A primeira vez em que foi utilizada no vernáculo português data do século XIII: *enssay*. Já o Dicionário Aurélio da língua portuguesa além de mencionar a origem do latim tardio coloca a expressão como derivada do francês no seu uso moderno.

O intelectual brasileiro, Otto Maria Capeaux (2022, introdução, p.11), ressalta:

Montaigne, pelo menos no ponto de partida, não pretende fazer literatura; mais tarde chegou a criar um gênero literário, o ENSAIO. Eis os *Essais*; e "tout le monde me reconnait en mon livre"[todos me reconhecem no meu livro].

Montaigne deu sentido ao termo e, por conseguinte, um significado particular. Assim que as definições aplicadas sobre o termo - no sentido de diferenciá-lo de outros tipos de escrita literária e até as subdivisões de tipos de ensaios - levam em conta seus Ensaaios pioneiros, de 1580.

2 ENSAIO SOBRE O CONTO “O ESPELHO” MACHADO DE ASSIS

Machado de Assis é considerado um dos mestres da literatura universal. Dentre suas imensuráveis conquistas, destaca-se a criação da Academia Brasileira de Letras, tornando-se, *ipso facto*, o primeiro presidente daquela academia de atletas da inteligência.

Suas obras são imiscuídas do mais fino humor britânico. Satírico, às vezes irreverente, talvez devido à sua humilde origem, cuja família era desprovida de bens materiais, enfim, não tinha acesso às vantagens sociais. Isso, porém não lhe arrefeceu o alento de aprender e de se tornar um dos maiores escritores brasileiros de todos os tempos.

Após leituras de várias de suas obras, tenho por certo que o grande Machado apreciava bebericar na fonte dos escritores russos: Gógol, Púchkin, Tolstói, Dostoiévski, Tchékhov e outros.

Seu conto “O Espelho” foi publicado nos idos de 1882 no Jornal Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro; e, posteriormente, inserido na obra Papéis Avulsos.

Em “O Espelho”, Machado não foge ao seu estilo irônico e procede a uma percuciente análise da natureza humana, mostrando a sutileza entre nossa alma externa, isto é, o prestígio social, a imagem que os outros têm de nós; e nossa alma interna, ou seja, nossa real personalidade. Trata-se de uma obra marcada pelo realismo e a ironia. Em suma, ali Machado faz uma crítica à sociedade, que valoriza mais a aparência do que a essência. Mostra, com ostensiva ênfase, a quizília interna entre a vaidade e a verdadeira identidade.

Por isso existem pessoas que só sabem, sobre si, os que os outros falam sobre elas.

Eu mesmo convivi com criaturas, cujo valor como ser humano resumia-se apenas no “nobilitante” cargo que exerciam. Quando eram compelidas a deixar de exercer o cargo, ao aposentar-se, reduziam-se a um nada, repletos do nada.

Ao reler “O Espelho”, lembrei-me de um romance do grande Dostoiévski “O Duplo”, por isso vou entabular um diálogo entre essas duas importantes obras.

O romance “O Duplo” data de 1846 e o conto “O Espelho” de 1882, portanto, não seria possível um diálogo direto entre os dois.

Apesar disso, percebo algumas semelhanças entre as duas obras, haja vista a preocupação dos dois autores em ressaltar o mesmo tema, qual seja, a duplicidade e a dualidade

da alma humana. E executam isso usando a simbologia do espelho para representar essa duplicidade de almas. Machado utiliza o próprio Espelho; Dostoiévski, O Duplo.

Fica evidente que ambos os autores usam e abusam da ironia, através da literatura, para criticar a sociedade e a própria condição humana.

Na Rússia de antanho, na época de Dostoiévski, os funcionários públicos usavam fardas e tinham patentes, como se militares fossem. Isso também está retratado no conto “O Capote”, de outro grande escritor soviético Gógol (2011).

Fiz essa pequena digressão para mostrar que o objetivo dos dois autores é ironizar a sociedade de então, através de dois funcionários públicos. Machado utiliza a ironia para ridicularizar a visão dualista da alma humana, apresentada pelo personagem Jacobina, o qual foi nomeado Alferes, uma espécie de subtenente, da Guarda Nacional, fato que lhe garantiu mudança significativa de status, passando a ser reverenciado pela família e amigos, e solenemente turiferado pela Tia Marcolina.

Dostoiévski utiliza a ironia para criticar a burocracia e a sociedade russa da época.

Machado também o faz, mas com o intuito de mostrar a falta de consistência dos argumentos de Jacobina, o festejado Alferes.

Por seu turno, Dostoiévski, ironiza a burocracia e a sociedade da Rússia de então, vez que apresenta o personagem principal, Jákov Pietróvitch Goliádki, funcionário público, ridicularizado por seus colegas de repartição e, como se fora pouco, pela sociedade em geral.

Abro parêntese para uma curiosidade. Pensei inicialmente que o nome Jacobina fizesse alusão aos jacobinos da revolução francesa, vejo, no entanto, que o sábio Machado utilizou a mesma raiz do primeiro nome do personagem principal de “O Duplo”, Jákov.

Em suma, trata-se de duas obras de relevante valor literário, escritas por dois monstros sagrados da literatura mundial, cujo objetivo precípua é ressaltar metaforicamente, tanto em “O Espelho”, como em “O Duplo”, a alienação e a fragmentação da identidade humana.

A meu juízo, todos esses vícios são provenientes da nefasta vaidade (“Vanitas vanitatum et omnia vanitas” - Vaidade das vaidades, tudo é vaidade – Eclesiastes 1,2), que coisifica o ser humano, corrói a alma dos indivíduos e dilacera o tecido social.

3 CONCLUSÃO

Conforme ressaltado no início deste trabalho, confesso ter sentido um pouco de desalento ante insólita e tão complexa atividade para um aluno que acaba de atravessar o pórtico do seu triunfante edifício septuagenário de vida.

Costumo dizer que me aposentei do trabalho, porém jamais me aposentarei da vida. Por isso resolvi dar prosseguimento a este significativo Ensaio e, finalmente, concluir tão importante tarefa.

Dessa forma - ao constatar que ao cabo deste significante trabalho aprendi os meandros da consecução de um Ensaio - quero agradecer, por dever de justiça, o incentivo e as orientações da professora Mariana Ruggieri, que cativou o alunato com sua inteligência, lhaneza, suaviloquência, disponibilidade, ostensiva erudição e cristalina didática.

Por fim, concluo que a práxis deste enobrecedor ENSAIO muito contribuirá e me ajudará a obter um exitoso porvir no exercício da docência; alcançando, assim, meu almejado desiderato na qualidade de estudante de Licenciatura em Letras.

Boaventura

BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS

BASTOS, Almeida. Dicionário da Língua Portuguesa. 5. ed. São Paulo: Cosmos, 1990. v. 8.

HOUAISS, Antônio. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOLANDA, Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução da CNBB. São Paulo: 2001.

BÍBLIA. Latim. BIBLIA SACRA. IUXTA VULGATAM VERSIONEM. Deutsche Bibelgesellschaft: 2007. Impresso na Gráfica da Bíblia - Brasil

PASCAL, Blaise e MONTAIGNE, Michael de. - A Arte de Persuadir: Precedida de A Arte da Conversação – introdução de Otto Maria Carpeaux – Campinas-SP: Editora Auster, 2022.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. – OBRA COMPLETA. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1995.

ASSIS, Machado de. O Espelho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

GÓGOL, NICOLAI – O Capote e Outras Histórias – São Paulo – Editora 34, 2011.

Wikipédia – A Enciclopédia livre

<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistatempohistorico/article/view/2416/1947>